

PEDRO NOLASCO DA SILVA E LUÍS GONZAGA GOMES — SINÓLOGOS E ILUSTRES MACAENSES*

*Celina Veiga de Oliveira***

No domínio da arte política e diplomática, Macau é um rico e inesgotável filão de estudo e de análise crítica. A natureza peculiar do estabelecimento dos Portugueses — sujeito a normas rígidas estabelecidas por um Império rigoroso no relacionamento com os estrangeiros — exigiu um apuramento e um requinte extremos de habilidade diplomática. Enquanto que a ligação administrativa de Macau a Goa, embora acarretasse por vezes alguns problemas ocasionados pela distância ou por conflito de interesses, era compensada pela utilização do mesmo código linguístico, a ligação com o Celeste Império foi sempre mais complexa por ser impraticável a comunicação sem mediadores bilíngues. Já no plano das relações internas da Administração portuguesa com a comunidade local, os problemas do bilinguismo eram atenuados pela dualidade de estatutos pessoais. Estando os chineses sujeitos à tutela do Mandarim vizinho, os seus contactos político-administrativos com as autoridades portuguesas eram praticamente inexistentes. A partir de meados do século XIX, porém, há a integração política, no quadro de uma única administração portuguesa, da população chinesa a qual, no entanto, permaneceu dual nas suas manifestações culturais e sobretudo linguísticas.¹ Esta nova realidade tornou imprescindível a criação de um quadro de funcionários bilíngues, os intérpretes-tradutores. Estes, por razões de eficácia administrativa e conveniência política, deveriam ser conhecedores da cultura da potência administrante e da cultura do Celeste Império, por forma a garantir a interpretação correcta

* Texto da comunicação apresentada na cerimónia de inauguração da Biblioteca Luís Gonzaga Gomes e da Sala Pedro Nolasco da Silva do Edifício Administração Pública, no dia 24 de Maio de 1999.

** Licenciada em História e investigadora. Assessora do Governador de Macau.

¹ Sobre este assunto, ver o nosso artigo *A escola de Língua Sínica no contexto das relações luso-chinesas*, publicado na Revista de Cultura, n.º 18 (II série), Janeiro/Março, 1994, ICM.

dos seus códigos e sinais diplomáticos. Obviava-se por esta via a conflitualidade potencial inerente a duas formas tão diversas de entender a prática política. Assim, era requerida ao intérprete-tradutor uma rigorosa e abrangente formação, um duplo e vasto conhecimento do substrato cultural das duas comunidades em presença, habilitando-o de capacidade interpretativa em variados domínios. Por outras palavras, o intérprete-tradutor podia tornar-se, se quisesse exceder os objectivos estritos das suas funções profissionais, um verdadeiro sinólogo. Estão neste caso as duas personalidades que hoje aqui homenageamos: Pedro Nolasco da Silva e Luís Gonzaga Gomes.

QUEM FOI PEDRO NOLASCO DA SILVA

Não é fácil condensar num curto texto — como me foi pedido — a biografia ímpar de um dos mais ilustres *filhos da terra*.

Nasceu em 1842, iniciando aos 14 anos os seus estudos no Seminário ou Colégio de S. José. Ao tempo, era bem difícil a um jovem adquirir instrução em Macau, território que ainda não tinha conseguido recuperar dos efeitos traumáticos da entrada em vigor do decreto de expulsão dos jesuítas, em 1762, que varreu praticamente de Macau todos os professores dos estabelecimentos de ensino, pelo facto de a sua maioria pertencer à Companhia de Jesus.

Em 1862, porém, os jesuítas voltam ao Colégio, dando-se então *um renascimento da educação para a juventude de Macau*.²

Pedro Nolasco da Silva foi um dos mais brilhantes alunos dos padres Jesuítas do Colégio de S. José.

Ainda estudante, foi admitido como aluno intérprete da Procuratura dos Negócios Sínicos. Durante a sua vida pública, desempenhou imensas funções. Ficam aqui apenas como registo os cargos de 1.º Intérprete da Procuratura, de Professor de Chinês no Seminário de S. José, na Escola

² O Echo do Povo, de 15 de Junho de 1862, dizia o seguinte: «O anno de 1862 será sempre lembrado nos fastos da historia macaense como uma epocha de feliz recordação para a nossa cara pátria. A inauguração de duas novas escolas [a «Nova Escola Macaense», inaugurada em 5 de Janeiro de 1862, e o «Colégio de S. José», em 8 de Junho de 1862], a que tivemos a satisfação de assistir n'este anno, vae naturalmente crear uma nova éra para Macao, «éra de renascimento da educação para a juventude macaense», depois de tantos annos de um total olvido d'esta necessidade vital da nossa pátria. O interessante espectáculo que presencéamos hontem no local do collegio de S. José, de tantos pais de familia abdicando uma parte importante do poder paternal a favor dos dignos padres do seminário, ainda pouco conhecidos, mostra claramente a necessidade de haver em Macau um estabelecimento, como o que acaba de crear-se, que receba alumnos internos; e deve ser ao mesmo tempo um espectáculo consolador para as almas generosas, que teem contribuido, já com dinheiro, já com sua influencia, já com seus escriptos para promover a educação da juventude macaense n'estes últimos tempos». Transcrito do livro *Galeria de Macaenses Ilustres do século XIX*, de Pe. Manuel Teixeira, Macau, Imprensa Nacional, 1942.

Comercial, no Instituto Comercial e no Liceu Nacional de Macau, de Procurador interino dos Negócios Sínicos e de chefe da Repartição do Expediente Sínico, criada em 1885.

Quando terminou a sua carreira oficial, Pedro Nolasco da Silva disse de si próprio: *Todos os empregos públicos que temos desempenhado, foram conquistados por meio de concurso, dando nós provas publicas das nossas habilitações. Nada devemos, neste ponto, a pessoa alguma.*³

No que respeita aos estudos sinológicos, bem se pode afirmar que Pedro Nolasco da Silva foi um emérito cultor desse *conhecimento pluridimensional da civilização chinesa*,⁴ sendo autor de muitos livros didáticos para o ensino da sua língua.

Referem-se, por exemplo (e repare-se no pendor acentuadamente pedagógico dos seus trabalhos):

— *Círculo de Conhecimentos em Português e China. Para uso dos que principiam a aprender a língua chinesa;*

— *Gramática Prática da Língua Chinesa;*

— *Os rudimentos da Língua Chinesa para uso dos Alunos da Escola Central do Sexo Masculino;*

— *Compilação das Frases Usuais e de Diálogos nos Dialectos de Pequim e Cantão para uso dos Alunos da Escola Central de Macau — Manual da língua sínica escrita e falada, 1.ª e 2.ª partes;*

— *Noções Preliminares e Lições progressivas;*

— *Bússola do Dialecto Cantonense adaptado para as Escolas Portuguesas de Macau;*

— A tradução de uma obra fabulosa, chamada *Amplificação do Santo Decreto*, um verdadeiro manual de doutrinação confuciana, ela borado pelo fundador da dinastia Qing, imperador Shunzhi, e amplifica do pelo seu filho Kang-xi e por seu neto Yongzheng, e destinado à educação e instrução populares. Por ela, podemos nos aperceber da estratégia imperial de manutenção da unidade da nação por via do revigoreamento da ideologia confuciana.

Em 1887, Pedro Nolasco da Silva acompanhou a Pequim, como secretário-intérprete, Tomás de Sousa Rosa, que tinha sido governador de Macau entre 1883 e 1886 e que fora entretanto investido na categoria de Ministro Plenipotenciário para a assinatura do Tratado Luso-Chinês desse ano, o qual viria a consagrar um novo estatuto político para o território.

No âmbito do que se poderá classificar de responsabilidades cívicas, Pedro Nolasco da Silva foi ainda Provedor da Santa Casa da Misericórdia, criando o Asilo dos Órfãos, fundador da Associação Promotora da

³ in *ob. cit.* de Pe. Manuel Teixeira, p. 293.

⁴ in *Os estudos sínicos no panorama da História da Educação em Portugal*, de António Aresta, in *Administração*, Revista de Administração Pública de Macau, n.º 38, 1997, SAFF.

Instrução dos Macaenses, Vice-Presidente e Presidente do Leal Senado, jornalista de *O Macaense*, *o Echo Macaense*, *o Hong Kong Daily Press*, editor de *O Echo do Povo*, semanário português publicado na vizinha colónia britânica, e membro do Conselho Inspector de Instrução Pública e do Conselho da Província. Quando faleceu, em 1912, dele se escreveu com inteira justiça: *Macau deve-lhe muito. O seu nome está ligado a quase tudo o que há por aí de bom, de útil, de benemérito.*⁵

UM SINÓLOGO DOS NOSSOS TEMPOS

Quanto a Luís Gonzaga Gomes, pode-se dizer, em boa verdade, que foi o último grande sinólogo formado na Escola da Repartição Técnica do Expediente Sínico.

Nasceu em 1907. Estudou no Liceu de Macau e após ter concluído o curso liceal ingressou na Repartição Técnica do Expediente Sínico, onde chegou a 1.º Intérprete. Este seu encaminhamento para a área da língua sínica haveria de marcar toda a sua vida, habilitando-o para o estudo da civilização chinesa com um empenho e uma competência que excederam em muito os objectivos que lhe eram exigidos enquanto funcionário da Repartição Técnica do Expediente Sínico.

⁵ in *ob. cit.* de Pe. Manuel Teixeira, p. 356, transcrição do Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, Ano 10, n.ºs 111-12, Set.Out. de 1912, pp 67-69: «Com 71 anos de idade desapareceu dentre os vivos, na madrugada de 12 do corrente mês de Outubro, o ilustre filho desta terra, Sr. Pedro Nolasco da Silva. Era uma das figuras mais em destaque no meio macaense e inegavelmente o homem que mais trabalhou, durante os seus 50 anos de vida pública, pelo engrandecimento da terra que lhe foi berço. Dotado de uma inteligência rara, possuindo faculdades excepcionais de trabalho, amando o estudo com um entusiasmo que nele era uma verdadeira paixão, dedicado em extremo ao bem desta colónia que ele amava com a dedicação de um sincero patriota, o Sr. Pedro Nolasco da Silva deixa em aberto uma lacuna, que dificilmente será preenchida. Macau deve-lhe muito. O seu nome está ligado a quase tudo o que há por aí de bom, de útil, de benemérito. Em assuntos de instrução e beneficência, em melhoramentos materiais dependentes do Leal Senado cuja presidência ocupou várias vezes, na administração da Província, na solução de problemas graves a que estava ligado o bom nome da colónia, em tudo o que representa uma obra de interesse público figura o nome do benemérito macaense. Pode-se dizer sem receio de desmentido, que Macau perdeu o seu filho mais ilustre. E bem larga a sua folha de serviços prestados à colónia para nos convencermos que o seu desaparecimento significa uma enorme perda. Depois de ter concluído os seus estudos no Seminário de S. José, onde fez sempre uma figura brilhante, entrou na vida pública como aluno intérprete do governo. Apaixonado pelo estudo da língua chinesa, salientou-se nesta especialidade, sendo considerado, e com razão, o primeiro sinólogo português. Nomeado chefe da Repartição do Expediente Sínico, reorganizou-a por completo sobre novas bases. Em 1887, acompanhou, como Secretário intérprete, o sr. Conde de Sousa Rosa enviado a Pequim como ministro plenipotenciário. A parte activa e inteligente que tomou na negociação do tratado de 1887, que nos garantiu a independência de Macau [à época era esta a interpretação oficial portuguesa sobre o tratado], torna o Sr. Pedro Nolasco da Silva credor da gratidão e simpatia de todos os patriotas portugueses.

Luís Gonzaga Gomes viria a ser não simplesmente o intérprete-tradutor, mas o sinólogo, decifrador e revelador da sensibilidade chinesa, e o estudioso de fontes essenciais para o entendimento mais claro do processo histórico de Macau, como se pode ver através do carácter diversificado das suas múltiplas publicações.

Entre a sua extensíssima bibliografia, destacam-se:

No domínio da cultura chinesa, *Lendas Chinesas de Macau, O sistema de adopção na China, Contos Chineses, Chinesices, Festividades Chinesas, Arte Chinesa*;

No domínio da linguística, *Vocabulário Português-Cantonense, Vocabulário Cantonense-Português, Noções Elementares de Língua Chinesa*;

No domínio da História, *Curiosidades de Macau Antiga, Catálogo dos Manuscritos de Macau, Páginas de História de Macau, Bibliografia Macaense* e artigos importantíssimos sobre o *Município de Macau*;

No domínio das traduções, *O Clássico Trimétrico, O Clássico da Piedade Filial, As Quatro Obras, Ou Mun Kei Leoc-Monografia de Macau, Relação da Grande Monarquia da China, de Álvaro Semedo* (obra traduzida do italiano) e *Nova Relação da China, de Gabriel de Magalhães* (obra traduzida do francês).

A causa da instrução mereceu-lhe uma atenção especial até aos últimos dias da sua vida. Foi ele o fundador da «Associação Promotora da Instrução dos Macaenses», donde têm saído tantos jovens que hoje ocupam boas posições em todo o extremo oriente. A ele se deve também a fundação do Instituto Comercial e, se quisermos ser verdadeiros, a criação do Liceu. Escreveu vários livros escolares, entre os quais o «Manual da Língua Sínica para uso dos jovens macaenses». A Santa Casa da Misericórdia que tanto bem tem espalhado em Macau, deve-lhe o estado florescente em que se encontra. Quando Provedor deste pio estabelecimento — cargo que exerceu várias vezes — fundou o Asilo dos Órfãos onde têm sido recolhidas e educadas tantas crianças pobres, que para aí vegetariam na maior miséria, se não foram os cuidados do benemérito macaense. Organizou também e regulamentou todos os serviços de beneficência dependentes deste Instituto, de forma que a Santa Casa da Misericórdia pudesse exercer em Macau uma acção útil como estabelecimento de caridade. O Sr. Pedro Nolasco da Silva era membro do Conselho de Instrução Pública e durante muitos anos fez parte do Conselho de Província. Como jornalista colaborou em vários periódicos entre os quais o *Echo do Povo*, o *Echo Macaense* e o *O Macaense*. Fez parte de numerosas comissões nomeadas para tratar de assuntos de interesse geral para a colónia, e em todas elas se fazia sentir a sua autorizada opinião e critério superior com que sabia solucionar as questões mais complicadas. Ninguém como ele conhecia a história dos últimos 50 anos desta colónia, pois durante este período viu-se sempre envolvido em todos os assuntos respeitantes à vida política e administrativa da Província. E no meio desta vida intensíssima de actividade, o sr. Pedro Nolasco da Silva nunca se esqueceu das suas crenças. Foi sempre um católico convicto e a sua morte foi a de um verdadeiro crente. Lamentamos profundamente o desaparecimento deste cidadão prestante, cuja vida se assinalou por tantos actos de benemerência e altruísmo. Morreu legando aos seus filhos e aos seus compatriotas exemplos dignos de imitação. Como chefe de família foi modelar, como homem público foi utilíssimo à sua Pátria. Daqui enviamos à família enlutada os nossos sentidos pêsames».

Com Luís Gonzaga Gomes, a sinologia portuguesa pôde ter acesso à mundividência cultural do universo chinês, pela consulta de fontes até então inacessíveis a desconhecedores da língua sínica.

Mas Gonzaga Gomes não foi só um intelectual. Foi também um homem identificado com os interesses superiores e os destinos da sua terra. Entre muitas ocupações que lhe preencheram a vida, foi jornalista e colaborador de revistas, como a revista *Renascimento*, Professor e Director da Escola Primária Oficial, Professor do Liceu, Vice-Presidente do Leal Senado, Director da Biblioteca Nacional de Macau e do Boletim do Instituto Luís de Camões, Conservador do Museu Luís de Camões e reputado melómano, dirigindo o Círculo de Cultura Musical e a Emissora da Radiodifusão de Macau.

Já depois da sua morte, ocorrida em 1976, disse dele um amigo, numa síntese feliz: *Luís Gomes, sozinho, representa uma fase da história cultural de Macau: por ele próprio e pelo que conseguiu realizar. E isto sem ter à disposição os meios de propaganda e enaltecimento de que se dispõe hoje. Por isso mesmo, a sua obra perdurará.*⁶

Eu não tenho dúvidas. O tempo se encarregará de destacar, pelo natural processo de decantação que a História apura, quem foi quem na vida de Macau. Basta para tanto que hoje tenhamos memória, para que possamos legar às gerações do futuro o testemunho dos que, com a sua postura de sinólogos, intelectuais, diplomatas, políticos e cidadãos, contribuíram para a construção da forte identidade de Macau.

⁶ *Depoimento de um amigo e admirador*, de Túlio Tomás, inserido no Catálogo da Exposição Fotobibliográfica Luís Gonzaga Gomes, edição do Instituto Cultural de Macau, 1987.